

## **FILOLOGIAS DO PRESENTE PARA O FUTURO**

James I. Porter<sup>1</sup>

### **Resumo**

Este artigo explora a natureza multifacetada da filologia, traçando suas raízes na história ocidental desde a Grécia clássica até seu florescimento na Alexandria helenística e a subsequente integração na Europa durante o Renascimento e depois. Ao contrário da narrativa predominante da "philologia perennis", esse relato desafia o entendimento convencional da filologia ao destacar suas diversas dimensões além da análise textual. O argumento lida com as posições críticas defendidas por acadêmicos tão diferentes quanto James Turner, Sirad Ahmed, Sasha-Mae Eccleston, Dan-el Padilla Peralta e outros. A tensão entre os dois domínios da filologia e da filosofia é então explorada a fim de enfatizar a interconexão da sabedoria e das palavras. Ao considerar figuras muitas vezes ignoradas pela história da erudição clássica, como Hannah Arendt, Victor Klemperer, Adorno e Horkheimer, Rachel Bepko, Simone Weil, Erich Auerbach, Sigmund Freud, Friedrich Nietzsche, Jacob Bernays, Vico e Spinoza, o presente relato vê a filologia além dos limites acadêmicos tradicionais, levando a uma reflexão sobre a relevância contemporânea da filologia e seu futuro em potencial.

### **Palavras-chave**

Filologia; História da erudição clássica; Racismo; Colonialismo; Contrafilologia.

---

<sup>1</sup> Professor titular - Universidade da Califórnia, Berkeley, Estados Unidos. E-mail: [jiporter@berkeley.edu](mailto:jiporter@berkeley.edu)

### **Abstract**

This paper explores the multifaceted nature of philology, tracing its roots in Western history from classical Greece to its flourishing in Hellenistic Alexandria and subsequent integration into Europe during the Renaissance and afterwards. Contrary to the prevailing narrative of “philologia perennis,” this account challenges the conventional understanding of philology by highlighting its diverse dimensions beyond textual analysis. The argument grapples with the critical positions defended by scholars as different as James Turner, Sirad Ahmed, Sasha-Mae Eccleston, Dan-el Padilla Peralta, and others. The tension between the two domains of philology and philosophy is then explored in order to emphasize the interconnectedness of wisdom and words. In consideration of figures often overlooked by the history of Classical Scholarship, such as Hannah Arendt, Victor Klemperer, Adorno and Horkheimer, Rachel Bepaloff, Simone Weil, Erich Auerbach, Sigmund Freud, Friedrich Nietzsche, Jacob Bernays, Vico, and Spinoza, the present account views philology beyond traditional academic confines, prompting a reflection on philology’s contemporary relevance and its potential future.

### **Keywords**

Philology; History of Classical Scholarship; Racism; Colonialism; Counterphilology.

A filologia, como convencionalmente entendida, é o estudo, geralmente o estudo amoroso (fiel à sua etimologia), da linguagem manifestada por meio de textos, sua linguagem, significado, transmissão, classificação, tradução e assim por diante. Suas origens no Ocidente estão na Grécia clássica. Ela atingiu sua plenitude somente na Alexandria helenística e, por fim, chegou à Europa durante o Renascimento. No século XIX, a filologia se expandiu para abranger todos os idiomas e literaturas antigos e modernos. Atualmente, ela é o método implícito que fundamenta todo estudo de textos lidos como textos. Mas isso não é tudo o que existe na filologia, e essa imagem de desenvolvimento da "filologia eterna" (*philologia perennis*), embora canônica hoje, tem muito de questionável, pois foi filtrada pelas tradições classicizantes ocidentais. Essa é a história que a filologia mais frequentemente conta sobre si mesma.<sup>2</sup>

Em alguns setores, acredita-se que a filologia tenha fornecido a base das ciências humanas *tout court*. Esse é o argumento do livro de 2014 de James Turner, *Philology: The Forgotten Origins of the Modern Humanities*.<sup>3</sup> Turner sustenta sua afirmação associando, corretamente, a meu ver, o estudo da linguagem ao estudo da história e ao historicismo, o método desenvolvido no século XIX que privilegia as perspectivas históricas como guia para o conhecimento – uma ciência do passado. Turner está certo ao afirmar que "o historicismo, com sua insistência na comparação e na genealogia, reproduziu-se no DNA das humanidades modernas".<sup>4</sup> E, na medida em que o projeto das humanidades não pode ser dissociado dos produtos históricos da linguagem dos povos e de suas vidas, não é exagero afirmar que a filologia tem a pretensão de ter sido, no passado, "a rainha das ciências".<sup>5</sup> A questão agora é se essa afirmação continua válida para nós no século XXI. A filologia ainda é a rainha? Será assim daqui a um século? Eventos recentes nos lembram o que pode acontecer com as rainhas. No entanto, o argumento genealógico, se verdadeiro, não pode ser facilmente descartado. O que foi afeta o que é e, até certo ponto, é verdade que a filologia continua a fazer parte da composição genética das ciências humanas atualmente. No entanto, as objeções à filologia, tanto materiais (a perda do aprendizado de idiomas) quanto ideológicas (o ceticismo em relação a esse conhecimento), estão ameaçando anular sua importância. A filologia pode ter um futuro? Muito depende de como

---

<sup>2</sup> Veja o relato canônico de Rudolf Pfeiffer (Pfeiffer, 1961; Pfeiffer, 1968; Pfeiffer, 1976). As raízes desse relato remontam ao século XIX.

<sup>3</sup> Turner, 2014.

<sup>4</sup> Turner, 2014: x.

<sup>5</sup> Pollock, 2015: 2.

entendemos a filologia.

O argumento de Turner é reconfortantemente abrangente, mas eu diria que seu objeto, "filologia", apesar de toda a sua amplitude, é definido de forma muito restrita, enquanto seu subtítulo, "The Forgotten Origins of the Modern Humanities", é enganoso. As origens da filologia não são tão esquecidas quanto ele quer nos fazer crer. Erich Auerbach, frequentemente citado como o inventor da literatura comparada (embora sua formação tenha sido em filologia românica), baseou-se na ampla compreensão de filologia de Vico para chegar a uma definição convincente de filologia que merece nossa atenção hoje. Nem Auerbach nem Vico desempenham um papel importante no livro de Turner. No entanto, ambos têm muito a nos ensinar sobre a resiliência da filologia e, principalmente, sobre seu potencial ilimitado – não menos importante, seu potencial de ultrapassar as estreitas fronteiras acadêmicas. Ambos fazem isso indo além do humanismo que o livro de Turner se propõe a defender, em parte excluindo a investigação filosófica de sua busca. Mas as origens da filologia devem tudo à investigação filosófica, tanto no sentido restrito quanto no amplo. Dizia-se que Teágenes de Régio (fl. 520) era o criador da filologia (*grammatikē* e *hellēnismos*, entendidos como o estudo da língua grega e do estilo).<sup>6</sup> Mas ele parece ter lido a *Ilíada* como uma alegoria do mundo físico.<sup>7</sup> Os títulos preservados de Demócrito indicam um interesse saudável na interpretação homérica. Metrodoro de Quios foi aluno de Anaxágoras e alegorista homérico. Após os chamados pré-socráticos, os sofistas foram os próximos a contribuir para a filologia literária, depois Platão e Aristóteles. No período helenístico, um confronto entre os estudantes filosóficos e gramaticais de Homero, antes fundidos na pessoa de Teágenes (pelo menos por reputação) e seus sucessores dos séculos V e IV, chegou ao ápice com a guerra filológica travada por Aristarco da Samotrácia, o bibliotecário de Alexandria e editor-chefe de Homero, contra Crates de Malo, um crítico literário de Homero com propensão filosófica. Desde aquela época, as linhas de batalha foram traçadas e redesenhadas, e Turner é apenas o mais recente participante dessa escaramuça. O conflito entre esses dois campos do conhecimento (filologia e filosofia) é lamentável. A filosofia é o amor pela sabedoria, a filologia é o amor pelas palavras. O que é sabedoria sem palavras ou palavras sem sabedoria? Vazio, dizem Vico e Auerbach. Mas vamos retomar a história com Auerbach.

---

<sup>6</sup> DK 8A1a (Schol. in Dion. Thrac.).

<sup>7</sup> DK 8A2 (Schol. in Hom., *Il.* 20.67 [Porfírio]).

## Auerbach e Vico

A primeira visão registrada de Auerbach sobre valor literário aparece em sua dissertação de 1921: "a riqueza dos eventos da vida humana que se desdobram no tempo terreno constitui uma totalidade, um desenvolvimento coerente ou um todo significativo, no qual cada evento individual está inserido de várias maneiras e por meio do qual pode ser interpretado".<sup>8</sup> Ele teve o cuidado de enfatizar o caráter "infinito" desses eventos em toda a sua "riqueza", mas também a "sensualidade da vida" concreta que eles abrangem. Além disso, ele observou que uma compreensão perfeita dessa totalidade é proibida. Como consequência, o acadêmico é jogado de volta a algum meio menos que perfeito de intuir a lógica dos eventos – chame isso de sentimento, intuição ou especulação. O pesquisador, menos um cientista do que um ser humano que é movido por exigências humanas e dentro de limitações demasiado humanas, interpreta, mas "muitas vezes inconscientemente". E quando o faz, é movido tanto por "necessidades práticas e éticas" quanto por necessidades acadêmicas.<sup>9</sup>

Filologia é o nome que Auerbach dá a essa atividade interpretativa. Foi Vico, o estudante napolitano de retórica e autor da *Ciência nova*, de 1725, que forneceu a Auerbach seu modelo, e não seus colegas filólogos românicos. Seus contemporâneos enfatizaram o estilo e a estética em produtos culturais literários que flutuavam livres do tempo na forma de quase abstrações, hipóstases ou verdades atemporais. E fizeram isso em parte como reação ao positivismo seco da filologia românica do século XIX. Talvez se possa chamar isso de uma revolta romântica tardia contra o historicismo, que era realmente a rainha indiscutível das ciências humanas, mesmo na virada do século XX. Em nítido contraste, Auerbach às vezes parece estar conduzindo algo mais parecido com a sociologia histórica, embora seus estudos tenham sido muito mais profundos do que isso. Ele levou a filologia para além do amor pelas palavras, pela literatura e pelo estilo, direcionando-a para um objetivo mais amplo, que é bem resumido em seu último livro de 1958 : "o contexto sistemático de toda a história humana... é o tema de Vico, que, de acordo com a própria terminologia de Vico, *podemos chamar de filologia ou filosofia*".<sup>10</sup> Esse estudo "está preocupado com apenas uma coisa – a humanidade".<sup>11</sup> E em seu artigo mais famoso, "Filologia da literatura mundial" ("*Philologie der Weltliteratur*", 1952), ele cunhou uma nova expressão para abranger

---

<sup>8</sup> Auerbach, 1921: 38; trad. minha.

<sup>9</sup> "Vico and Herder" (1932) em Porter, ed. 2016: 11.

<sup>10</sup> Auerbach, 1965: 16; Auerbach, 1958: 16 .

<sup>11</sup> Auerbach, 1965: 16; grifo nosso.

a atividade ampliada do novo tipo de estudioso que ele estava imaginando: "Weltphilologen", "filólogos do mundo", e não "da palavra".

A cunhagem de Auerbach tem um toque audacioso. Os filólogos do mundo não praticam a filologia mundial como ela é entendida hoje, por mais que possam se animar com a perspectiva de um aparente aliado. Ele realmente acreditava que seu papel era oferecer algo como uma compreensão filosófica e ética da condição humana, como poderia ser lido na literatura, que é onde ele encontrava a expressão mais pungente da "realidade do mundo" (*die Weltwirklichkeit*).<sup>12</sup> Mas ele quis dizer mais do que isso, porque a filologia terrena, deste mundo, era para Auerbach uma filologia com implicações diretas para o presente e não apenas para o passado. É aqui que Auerbach abre um caminho promissor para uma filologia futura, ou melhor, para filologias plurais do futuro. Mas antes de olhar para o futuro, precisamos olhar para trás.

### **Das leis raciais de Nuremberg ao racismo na filologia clássica**

A filologia na era moderna nunca foi uma busca acadêmica inofensiva. A filologia clássica da virada do século XIX em diante foi fundada em uma exclusão consciente do mundo semita – não apenas o mundo hebraico antigo, mas a totalidade das civilizações do Oriente Próximo.<sup>13</sup> No entanto, a filologia clássica, à medida que se enraizava na Alemanha, carregava em seu DNA um traço de antissemitismo (apesar de suas dívidas com a então nascente filologia bíblica) que foi transferido para suas filologias descendentes. O orientalismo era apenas uma de suas características. À medida que a filologia evoluía ao longo do século XIX, ela muitas vezes ajudava a sustentar e legitimar as aspirações nacionais, coloniais e imperiais, em primeiro lugar tratando os idiomas e seus produtos como posses a serem obtidas. Conduzida no idioma dos conquistadores, a filologia tornou-se o árbitro dos idiomas dos conquistados. Ela foi de fato dominante nesse período de formação e até meados do século XIX, quando a história e as ciências exatas usurparam seu lugar. Após a Segunda Guerra Mundial, a situação da filologia mudou drasticamente, em parte como resposta às atrocidades da guerra e em parte devido a uma nova virada autorreflexiva que transformou a história da filologia em um dos objetos da própria filologia. Os livros de Maurice Olender e Suzanne

---

<sup>12</sup> "Philology of World Literature", em Porter, ed. 2016: 255; trad. modificada.

<sup>13</sup> Grafton, 1981; Grafton, 1999; Porter, 2000: cap. 5; Kurtz, 2019.

Marchand são duas contribuições importantes para essa mudança de foco.<sup>14</sup> Em meu próprio trabalho, foi meu confronto com a filologia de Nietzsche e o contexto no qual ele trabalhava e contra o qual reagia que tornou os aspectos mais sombrios dessa história vívidos para mim pela primeira vez.<sup>15</sup> Pouco tempo depois, fiquei sabendo que Erich Auerbach, um judeu alemão, foi vítima dessa história, mesmo quando sua filologia era uma tentativa de se opor a ela, muito antes de ser forçado ao exílio quando as Leis Raciais de Nuremberg entraram em vigor em 1935 e teve que fugir para Istambul.<sup>16</sup> Cheguei à conclusão de que nenhum estudo de Clássicas pode ser completo se ignorar suas próprias condições históricas de possibilidade ou se permanecer cego aos traços residuais dessa história em sua própria conduta no presente.

### Filologia e colonialismo

Mais recentemente, esses resíduos ameaçaram obscurecer os potenciais positivos de até mesmo uma filologia consciente de seu próprio passado. É possível ouvir apelos para um exorcismo desses passados sob a bandeira da descolonização. O livro de Sirad Ahmed *Archaeology of Babel: The Colonial Foundation of the Humanities*, é uma versão particularmente radical dessa abordagem.<sup>17</sup> Ahmed acredita que os próprios métodos da filologia, seu historicismo e sua busca pelas origens culturais por meio da linguagem, estão contaminados por seu legado colonial. Em seu zelo para coletar e categorizar culturas estrangeiras, a filologia pós-iluminista ajudou a produzir a própria categoria de raça. Seu principal exemplo é William Jones, pioneiro da filologia comparativa em persa, árabe e sânscrito, cuja pesquisa lançou as bases para os modernos estudos indo-europeus. Mas Jones também era funcionário da suprema corte da Companhia das Índias Orientais e, como Ahmed escreve, "seus estudos ocorreram em um contexto colonial e tinham o objetivo de servir ao governo colonial" (37).

O argumento é poderoso e não pode ser facilmente descartado por motivos puramente factuais, embora não esteja claro no relato do próprio Ahmed que Jones tenha sido um participante consciente desse projeto colonial e, em alguns pontos, ele admite que Jones não foi nada disso. O que torna o argumento geral de Ahmed convincente à primeira vista não é a implicação de culpa por associação. Acredito

---

<sup>14</sup> Olender, 1989; Marchand, 1996.

<sup>15</sup> Porter, 2000: especialmente os capítulos 4 e 5.

<sup>16</sup> Porter, 2008; Porter, ed. 2016.

<sup>17</sup> Ahmed, 2018. As referências subsequentes a este trabalho aparecem entre parênteses.

que essa seja sua afirmação mais fraca. É o fato de que o conhecimento colhido sob o império britânico e posteriormente sob o império europeu imitava as pretensões globais, totalizantes e universalizantes do próprio império colonial. Se for verdade que a própria ideia de literatura é uma construção colonial ocidental, que a ideia (goetheana) de *Weltphilologie* foi cunhada em meados e no final do século XVIII em combinação com esses desenvolvimentos, que a virada histórica nas ciências humanas não apenas coincidiu com o império, mas também foi atrelada ao império do conhecimento, poder e prestígio, e que o ressurgimento de uma "nova filologia" nas últimas décadas é um herdeiro direto desses processos anteriores – se tudo isso for realmente verdade, então nós que nos preocupamos com a filologia temos que fazer um sério exame de consciência. Talvez também seja bom lembrar que a filologia grega na era de Péricles e depois na era alexandrina nasceu do império, do privilégio, do chauvinismo cultural e das desigualdades. Certamente, a filologia clássica é herdeira não apenas do imperialismo do século XIX, mas também de um passado imperialista muito mais longo e amplamente esquecido. *Philologia perennis* ou *imperium perenne*?<sup>18</sup>

Em um setor diferente da academia, mas no mesmo momento, outro desafio para os alicerces sobre os quais a filologia se assenta vem se formando. O racismo é generalizado em nossa sociedade, e os estudos clássicos não são exceção. Daí os apelos atuais para uma reflexão profunda e até mesmo uma limpeza dos traços residuais de racismo nos estudos clássicos, apesar dos esforços feitos na "indústria da diversidade e da equidade", que, como argumentam acadêmicos como Sasha-Mae Eccleston e Dan-el Padilla Peralta, simboliza estudantes e acadêmicos de cor, de fato monetizando suas identidades raciais.<sup>19</sup> O legado colonial aqui volta a se manifestar, mesmo que isso aconteça, até certo ponto, contra as melhores intenções da academia. Parte da linguagem que eles usam está de acordo com a crítica de Ahmed. Mas o teor de seu chamado às armas tem uma sensação diferente. Negar a veracidade de sua experiência de racismo e sua pura "perplexidade" sempre que se sentem chamados na sala de seminários, nos pubs em Oxford e nas ruas onde moram, ou sempre que se deparam com uma relativa surdez na profissão com "a exigência de demonstrar nossa dívida, em conjunto com a força concussiva do *gaslighting*, do terror racial, do racismo cotidiano (às vezes chamado de microagressões) e outras pressões", seria um erro. Acredito na sinceridade deles quando dizem que é "irritante ouvir tanta conversa metafórica sobre correntes e

---

<sup>18</sup> Veja Porter, 2011, sobre o imperialismo que tornou possível e informou a estética helenística. Ainda há mais trabalho a ser feito nessa área e em outras áreas não cobertas por Ahmed, por exemplo, tradições malaias (Maier, 1988 e Proudfoot, 2003).

<sup>19</sup> Eccleston e Peralta, 2022.



emancipação na crítica orientada para a recepção" (para eles, essas são mais do que meras "microagressões") e quando percebem a pressão "ainda mais irritante" para "remover o trabalho de alguém do que foi entendido como experiência vivida, como se esse distanciamento fosse o sinal exclusivo de rigor intelectual". Os filólogos, em sua melhor forma, buscam recuperar a experiência vivida no passado. E quanto à experiência vivida pelos filólogos no presente?

Sou mais favorável aos argumentos antirracistas de Eccleston e Padilla Peralta do que aos argumentos anticolonialistas de Ahmed, embora eles também defendam a descolonização dos clássicos. Por um lado, eles estão falando admiravelmente sobre o presente, que conhecem muito bem, e estão delineando uma prática positiva para o futuro. Não por acaso, seus argumentos têm uma afinidade marcante com os imperativos "práticos e éticos" declarados por Auerbach (seu subtítulo diz "*Ethos and Praxis*"). E eles estão alinhados com outras críticas recentes dentro do campo que estão buscando esclarecer as particularidades do estudo clássico na América do Norte e, especialmente, nos Estados Unidos, onde o racismo, o elitismo e outros passados de exclusão moldaram o estado atual do campo. Estou pensando no trabalho de Emily Greenwood, Patrice Rankine, Marthura Umachandran e Lorna Hardwick. Uma abordagem mais recente e igualmente promissora, que une o afro-pessimismo e a filologia em uma narrativa *nigra philologica*, foi oferecida por David Marriott.<sup>20</sup>

O valor dessas abordagens contemporâneas, realizadas por classicistas praticantes, está no fato de lembrarem que a filologia precisa se tornar ainda mais autoconsciente, mais consciente de suas próprias condições históricas de possibilidade e mais atenta a esses resíduos históricos em suas próprias operações no presente. Embora esses acadêmicos estejam montando argumentos contra-filológicos poderosos em seus campos, eles se dedicam a revigorar a disciplina e têm contra-sugestões positivas para mostrar. Entre elas estão a recomendação de uma inclusão mais ampla na profissão, currículos diversificados, transformações na vida pessoal em nome de transformações no campo e no mundo e mudanças estruturais profundas, além de uma duplicação da filologia como um "amor pela linguagem" entendido como um respeito pelo rico dialogismo e pela "pluralidade híbrida" da própria linguagem.<sup>21</sup> Eles também defendem estudos sobre a recepção dos clássicos, em que o que é revelado é a fluidez, a instabilidade e a volatilidade política reais das heranças clássicas, e não sua contaminação ideológica sem

---

<sup>20</sup> Greenwood, 2022; Rankine, 2019; Umachandran, 2022; Hardwick, 2021; Marriott, 2024: esp. 44-85.

<sup>21</sup> Greenwood, 2022: 193.

esperança. Uma série de outros acadêmicos de Clássicas, muitos dos quais não podemos citar, estão na vanguarda das tentativas de refazer o campo para que ele possa responder ao atual ambiente precário que está afetando toda a academia

Uma perspectiva como a de Ahmed é significativa. Eu também acredito que devemos confrontar as realidades históricas que condicionam nossas disciplinas. Mas me preocupa o fato de seu método ser falho. Ele é voltado para o passado e não para o futuro. Ele permanece tão dependente da história e do historicismo quanto a filologia que ele impugna. Ele opera com as mesmas ferramentas (conceitos e métodos) que deseja desacreditar. E é insensível ao fato de que muitos dos filólogos que ele acusa de negligência colonial estavam resistindo às circunstâncias em que viviam. No final das contas, Ahmed corre o risco de jogar fora o bebê da filologia junto com a água do banho do colonialismo. Vou falar um pouco mais sobre minhas hesitações em relação ao seu estudo, menos no espírito de refutação do que no de correção. Pois acredito que seu método, abordagem e descobertas, combinados, produzem uma visão unilateral da filologia e de seus potenciais.

### **Babel em ruínas**

A premissa de Ahmed é que a filologia foi um empreendimento colonial. Portanto, ele argumenta, toda a filologia após seus estágios de formação por volta da virada do século XIX está manchada pelas ferramentas do império. Essa mácula é profunda e atinge o âmago do que a filologia considerava seu objetivo. Para propor esse tipo de afirmação, Ahmed precisa fazer suposições sobre qual era e é o objetivo da filologia, e nesse ponto seu argumento se excede. Em última análise, o problema não é simplesmente o fato de ele interpretar mal a história da filologia moderna. Ele também restringe o escopo dos poderes da filologia, que historicamente têm se mostrado como tais.

É natural que o argumento de Ahmed não contemple todo o perfil da filologia moderna. Suas conclusões são tiradas de um único estudo de caso, o de William Jones, e extrapola tudo a partir daí. Ahmed não consegue esconder as impressionantes realizações de Jones, "um polímata britânico do final do século XVIII", que "traduziu sozinho as obras mais influentes, sem dúvida, das tradições persa, árabe e sânscrita". Ele também não consegue esconder as aspirações idealistas que impulsionaram os vários projetos de Jones:

Demonstrando um domínio das línguas asiáticas ainda mais improvável na época, Sir William Jones publicou traduções com nuances de Hafiz em

1771, o *Mu'allaqāt* em 1782 e *Śakuntalā* em 1789. Embora distribuídas por duas décadas, essas traduções faziam parte de um projeto unificado: Jones pretendia que elas revolucionassem a poesia europeia, libertando-a das garras do neoclassicismo do *ancien régime*. Como ele esperava, os escritores românticos, dentro e fora da Inglaterra, encontraram estéticas radicalmente diferentes nas obras que ele traduziu e as usaram como modelos para sua própria poesia. Goethe, em particular, mergulhou nessas obras antes de formular a ideia de *Weltliteratur*. (Ahmed, 2018: 1)

O problema para Ahmed é que

Antes de se tornarem parte do romantismo e da literatura mundial, essas traduções foram produtos do domínio colonial britânico. Jones publicou cada uma delas juntamente com estudos filológicos que serviram à conquista de Bengala pela Companhia das Índias Orientais. Esses estudos – incluindo a primeira gramática colonial de um idioma asiático, codificações de leis muçulmanas e hindus e a descoberta da família de idiomas indo-europeus – ajudaram a estabelecer as bases para a revolução filológica. De fato, eles disseminaram seus princípios fundamentais: o idioma pertence à história, não à providência divina ou às leis da natureza; cada idioma produz sua própria história; e a história revelada pela literatura pertence aos povos nacionais. (Ahmed, 2018: 1-2)

É aqui que o retorno à filologia sob os auspícios da chamada Nova Filologia das décadas de 1980 e 1990 se insere como o sucessor legítimo de Jones na genealogia de Ahmed. "A relação entre o domínio colonial e a revolução filológica foi extirpada das histórias disciplinares das ciências humanas", e até mesmo os críticos pós-coloniais endossam os elementos progressistas dos empreendimentos de Jones (Ahmed, 2018: 2). A situação é ainda mais deplorável, acredita Ahmed, por causa da marca que "a revolução filológica" teve nas humanidades: ela "precipitou uma transformação epistêmica tão vasta que, na verdade, nunca deixou de definir as humanidades" (Ahmed, 2018: 2). A força dessa mudança epistêmica "estava em sua capacidade singular de compreender cada idioma, literatura e tradição jurídica – e, portanto, de fornecer aos europeus conhecimento trans-histórico e suprageográfico sobre os colonizados (entre muitas outras coisas)". Como resultado, "a alegação secular da filologia de ser emancipatória é, em si, um legado colonial" (Ahmed, 2018: 2). O estudo de Ahmed tem como objetivo retornar, não à filologia, mas à "história suprimida" da filologia.

Ahmed tem razão em apontar que a filologia de base europeia fazia parte de um projeto iluminista mais amplo de compreensão do conhecimento em uma escala enciclopédica e universal. Também é verdade que o projeto visava investigar as histórias nacionais por meio de seus produtos linguísticos, acreditando que os idiomas codificam a história e nos dão acesso a passados variados. Mas, aos olhos

de Ahmed, o projeto saiu pela culatra e acabou fracassando. Em vez de revelar as histórias dos povos não europeus, a filologia apagou suas histórias. Os textos serviram para desvincular os artefatos linguísticos das práticas não escritas que os produziram e os mantiveram à tona. Arrancados de seus contextos, as supostas janelas para a história – os textos autorizados – reificaram seus objetos. Realidades fluidas, transitórias, heterogêneas e incorporadas foram traduzidas em formas mudas, presas, congeladas e imutáveis. E essas formas foram recrutadas em um projeto totalizante cujo objetivo era "reconstruir um mapa global da história humana e, portanto, adquirir conhecimento histórico total" (Ahmed, 2018: 3). Uma cascata de novas categorias, nunca antes vistas, foi inventada: literatura, literatura mundial, literaturas nacionais, proto-histórias e pré-histórias (mais notavelmente, proto-indo-europeu) e esquemas históricos e evolucionários, extraídos em sua maior parte do solo superficial da elite ("letrada e clerical") de culturas não europeias (Ahmed, 2018: 46). Devido a esses fundamentos, que definem a missão e ditam as próprias ferramentas da pesquisa filológica, todo estudo de idioma, literatura e passado no Ocidente pós-colonial é cúmplice dessa história. "Nenhum de nós está livre, nenhum de nós tem culpa" (Ahmed, 2018: 7). "Somos [todos] herdeiros de um legado colonial" (Ahmed, 2018: 10).

Munido de um mandado de busca como esse, Ahmed continua a implicar uma linha surpreendentemente longa de acadêmicos nessa herança colonial. Filólogos e pensadores tão diversos quanto Nietzsche, Gandhi, Nehru, Auerbach e Edward Said estão enredados na problemática que ele expõe. Todos endossam, sem querer, o projeto filológico colonialista, seja devido ao seu orientalismo, seus "compromissos com o realismo e a crítica secular" (Ahmed, 2018: 39), seu desejo de conservar passados textuais ou seu compromisso com o valor da investigação histórica.

A última acusação é especialmente reveladora. Ahmed escreve que o "método histórico inevitavelmente reduz a atividade humana e a práxis política apenas ao que o registro escrito pode representar" (Ahmed, 2018: 46). Em teoria, isso pode ser verdade, embora na prática seja tudo menos verdade. Os filólogos geralmente são os primeiros a reconhecer que o registro escrito é apenas um fio no emaranhado de culturas e sociedades que compõem o objeto de suas investigações. Mas isso ainda deixa em aberto a questão de saber exatamente o que o método histórico apaga e como alguém pode dizer exatamente do que se trata esse apagamento. Esse é um dos pontos fracos da crítica de Ahmed. Ao tentar recuperar o que a filologia exclui, ele é forçado a imaginar o que não pode mais ser visto – não porque tenha se tornado invisível pelos métodos históricos, mas porque foi enterrado pela própria história. O que está perdido são aquelas

"práticas discursivas [que] evitaram a inscrição literária e a transmissão histórica", em particular as práticas demóticas das classes analfabetas e destituídas de poder que "não podem . . . ser reconstruídas historiograficamente" (Ahmed, 2018: 12), e agora estão praticamente perdidas para a história.

Digo "tudo menos", porque aqui Ahmed se depara com o problema que também assola grande parte da filologia convencional. Para poder reivindicar uma perda, é preciso apontar as pistas que indicam a perda. E é exatamente isso que Ahmed faz. F. A. Wolf se deparou com esse problema em seu estudo de Homero em 1795.<sup>22</sup> Ahmed segue o mesmo caminho. Lendo as traduções de Jones e as traduções mais recentes e mais acadêmicas de textos antigos, ele afirma ser capaz de descobrir "as práticas discursivas [que] esses textos apropriam": "A retórica do desejo não normativo em Hafiz, a soberania não estatal no *Mu'allquāt* e a terra pré-histórica em *Śakuntalā* contêm o traço de idiomas que não foram registrados e que, consequentemente, resistem à análise filológica" (Ahmed, 2018: 46). Mas isso é estranho. Se Ahmed está se referindo a práticas que não são codificadas textualmente, por que ele acredita que pode inspecioná-las em suas contrapartes textualizadas? O que significa ler algo que "não está registrado"? Uma coisa é dizer que a filologia colonial ignorou objetos que suas próprias estruturas tornaram invisíveis e outra coisa é dizer que os objetos ignorados nunca chegaram ao registro escrito. Quais são exatamente os rastros que Ahmed afirma ser capaz de ver?

Os exemplos que ele fornece imploram a questão que ele levanta. Na verdade, eles demonstram a circularidade de sua abordagem, pois cada instância de uma prática discursiva oral pré-colonial que ele aponta já codifica, como se pressentisse, sua própria resistência à textualização colonial. Assim, na *Śakuntalā* védica, "uma sensibilidade verdadeiramente ecológica não pertencia nem aos bosques sagrados nem aos *adivasis* em geral, mas sim à *recusa necessariamente pré-histórica de toda apropriação humana...* – exceto o que era necessário para a própria sobrevivência" (Ahmed, 2018: 5). A frase em itálico não é mais uma questão de reconstrução histórica. É uma peça de adivinhação, e altamente romântica. "Sem fetichizar a literatura, poderíamos insistir que algo fundamental para ela está fora da história e, consequentemente, não pode ser abordado filologicamente", escreve Ahmed com uma convicção que surpreende (Ahmed, 2018: 6). Esse é um fetichismo reverso, um fetichismo de origens a-históricas. Se "romantizar é reificar ou idealizar uma entidade histórica" (Ahmed, 2018: 13), aqui vemos como *uma entidade a-histórica* está sendo reificada e idealizada. No entanto, tudo isso está

---

<sup>22</sup> A abordagem de Wolf foi mais sutil, mas igualmente circular: Porter, 2000: 75-76.

sendo colocado dentro de uma estrutura histórica como algo que já existiu antes da imposição moderna do tempo histórico, portanto, como algo que é simultaneamente pré-histórico e a-histórico.

Ahmed é franco sobre seu método:

Meu ponto de partida não é a história. Não cheguei à minha descrição dessas práticas discursivas estudando um objeto empírico (nem minhas descrições pretendem explicar tal objeto). Em vez disso, cheguei a elas trabalhando desde a revolução filológica, passando por várias tradições jurídicas e literárias não ocidentais, em um esforço para discernir as práticas tradicionais que a nova filologia não consegue ver. Essas práticas são, portanto, ideais desde o início: elas são *o que eu considero* ser a imagem negativa da revolução filológica. Somente um ato imaginativo como esse pode realizar a ambição da nova filologia de recuperar as línguas que a filologia anterior havia ignorado. (Ahmed, 2018: 13; grifo nosso)

Será que Ahmed escapou do paradigma histórico que ele está criticando? Ou ele não o está incorporando com suas extensões imaginativas? Claramente, ele está refazendo os passos da filologia à sua própria maneira. A filologia ocidental também buscou recuperar raízes pré-históricas, línguas primordiais do desejo, "o originário" (ou "a terra"), raízes proto-indo-europeias e assim por diante (Ahmed, 2018: 44-45). Se Jones buscou "a recuperação das línguas asiáticas em suas formas 'puras' como alternativas à decadência cultural e política europeia" (Ahmed, 2018: 61), como Ahmed não está reproduzindo os objetivos e a abordagem de Jones? Ahmed é sábio o suficiente para confessar sua própria cumplicidade com esse paradigma que tudo determina. "Nenhum de nós é livre, nenhum de nós tem culpa." E, como ele observa, seu próprio método preferido, que ele chama de "arqueologia", é em si mesmo histórico: "A arqueologia é em si mesma, é claro, um modo de compreensão histórica. Mas nos capítulos que se seguem, ela volta o método histórico contra si mesma" (Ahmed, 2018: 45). Na verdade, os próprios argumentos de Ahmed estão voltados contra si mesmos.

Voltando um pouco atrás, tenho três críticas principais à abordagem de Ahmed, e elas estão inter-relacionadas. A primeira é que ela se baseia em uma falácia *post hoc ergo propter hoc*. A filologia clássica, que conheço melhor, de fato apresentou uma tendência antijudaica e antisemita em sua formação moderna. Mas isso certamente não faz com que toda a filologia posterior seja antijudaica ou antisemita. O mesmo se aplica ao colonialismo. As tentativas contemporâneas da filologia clássica de descolonizar e desafiar as disciplinas clássicas buscam desprivilegiar a própria ideia do classicismo ocidental, e isso é bom. Mas alguns dos melhores exemplos de filologia clássica do passado buscaram atingir um

objetivo semelhante, às vezes usando métodos historicistas e, em outras, desafiando-os.

Em segundo lugar, a filologia moderna não é um monólito. A tradição filológica moderna no Ocidente contém tendências contra-filológicas próprias que Ahmed simplesmente ignora. Se for o caso de que "para acabar com a colonialidade é necessário acabar com as ficções da modernidade" e "iluminar o lado mais sombrio da modernidade", como escreve Walter Mignolo, uma das principais vozes da teoria decolonial contemporânea, então Nietzsche, Said e Auerbach certamente devem ser incluídos nesse projeto crítico.<sup>23</sup>

Terceiro, o estudo de Ahmed opera com uma visão desnecessariamente estreita da filologia. A filologia não assumiu uma única forma na era moderna. Pelo contrário, suas práticas têm sido notavelmente elásticas e, de certa forma, escapam tanto da abordagem humanisticamente reducionista de Turner quanto da abordagem agressivamente descolonizadora de Ahmed. O restante deste ensaio oferecerá uma rápida síntese desses três pontos. Para encerrar, quero voltar à definição expansiva de filologia de Auerbach, que ele derivou de Vico, e depois a um punhado de exemplos adicionais que estendem o alcance da filologia em um espírito semelhante e além do alcance de sua definição habitual.

## Filologias do presente

Vico, mais do que qualquer outra figura, colocou Auerbach na trilha de uma visão muito melhor e mais ampla da filologia. Como Auerbach escreve no prefácio de sua tradução alemã resumida da *Scienza Nuova* de Vico, de 1924, "Vico entende por filologia tudo o que hoje rotulamos como ciências humanas: toda a história no sentido mais restrito: sociologia, economia nacional, história da religião, linguagem, direito e arte; e ele exige que essas ciências empíricas se tornem uma só com a filosofia".<sup>24</sup> Por mais radical que fosse o pensamento na época, isso não foi tudo o que Auerbach aprendeu com Vico. Doze anos depois, ainda trabalhando com Vico, que continuou a ser seu pilar durante toda a sua carreira, ele publicou um ensaio intitulado "Vico and the Idea of Philology" (1936). O ensaio termina com um resumo e uma advertência. Vico, escreve Auerbach, fundamentou a ideia de filologia não em textos, mas em "uma fé no que é comum a todos os seres

---

<sup>23</sup> Mignolo e Walsh, 2018: 110; 111.

<sup>24</sup> Auerbach, ed. 1924: 29.

humanos":

É nesse sentido que podemos entender a filologia como o epítome (*der Inbegriff*) da ciência do ser humano, na medida em que todos os seres humanos são seres históricos. Sua própria possibilidade consiste na suposição de que as pessoas são capazes de entender umas às outras e que existe um mundo da e para a humanidade que é comum a todos nós, ao qual todos pertencemos e, portanto, ao qual todos podemos ter acesso. *Sem a crença nesse mundo, não haveria ciência da raça humana na história e, portanto, não haveria filologia.*<sup>25</sup>

Com a menção de "seres históricos", Auerbach quer dizer que os indivíduos, como todas as coisas no mundo, sempre foram condicionados por sua situação no tempo e no lugar. Ele não quer dizer que eles sempre estiveram cientes desse fato ou que necessariamente entenderam a contingência fundamental de suas vidas em termos históricos. Há diferentes nomes para esse tipo de compreensão: religião, superstição, mito, filosofia, moral e até mesmo historiografia, todos eles intervêm, cada um a seu modo, para explicar a contingência que acompanha a existência humana. Auerbach continua, agora em um tom mais sombrio, no final do ensaio:

Vale a pena lembrar que Vico não entendia o que ele considerava comum a todas as pessoas (*das Gemeinsame-Menschliche*) como uma questão de educação ou esclarecimento progressivo (*durchaus nicht in einem gebildeten, aufgeklärten, und fortschrittlichen Sinn*). Em vez disso, o que todos os seres humanos têm em comum é a totalidade da realidade histórica, em toda a sua grandeza e seu horror (*sondern in der ganzen, großen und schrecklichen Wirklichkeit der Geschichte*). Ele não apenas enxergava os indivíduos históricos em sua totalidade, mas também percebia que ele próprio era um ser humano e que isso o tornava humano para compreendê-los. Mas Vico não criou a raça humana à sua própria semelhança; ele não se via no outro. Ao contrário, ele viu o outro em si mesmo. Ele se descobriu, como humano, na história, e as forças há muito enterradas de nossa natureza comum foram reveladas a ele. Essa era a humanidade de Vico, algo muito mais profundo – e muito mais perigoso – do que normalmente associamos à palavra. No entanto – ou, talvez, exatamente por esse motivo – foi Vico quem descobriu nossa humanidade comum e a manteve firme.<sup>26</sup>

Escrito quando Auerbach estava sendo destituído de sua identidade profissional

---

<sup>25</sup> "Vico's Idea of Philology" ("*Vico und die Idee der Philologie*"), em Porter, ed. 2016: 35; ênfase adicionada.

<sup>26</sup> Ibid.; ênfase adicionada. Essa foi a posição duradoura de Auerbach. Consulte "The Philology of World Literature" (1952), em Porter, ed. 2016: 254.



pelos nazistas e publicado quando ele vivia como exilado em Istambul, o ensaio é um *credo* filológico virtual, e o mesmo se aplica à sua conclusão. Declarações como essas nos dizem por que é errado emitir chavões sobre a cumplicidade da filologia com a opressão ocidental ou sua inscrição automática no projeto de progresso do Iluminismo, ou sobre sua servidão irrefletida a um historicismo ideologicamente contaminado. 1936 foi um momento de acerto de contas, e Auerbach estava vivendo esse momento como testemunha e vítima. Como Vico, ele reconheceu que, às vezes, e provavelmente com mais frequência do que gostaríamos de admitir, mais escuridão do que luz brilha nos eventos humanos. Essa é a natureza da realidade histórica e de nossa humanidade comum, em seu potencial de grandeza e de horror. Todos os escritos de Auerbach estão imbuídos do mesmo *ethos* que faz de sua filologia uma *práxis* que está em conformidade com as circunstâncias em que foi produzida. A filologia é nada menos que o meio pelo qual essas circunstâncias são registradas e, se tivermos sorte, compreendidas.

Vale a pena destacar dois outros exemplos de estudos engajados de Auerbach do mesmo momento. O primeiro é um ensaio muito citado de 1938 chamado "*Figura*", que examina as leituras tipológicas supersessionistas dos primeiros e últimos teólogos cristãos. O segundo é o capítulo de abertura de *Mimesis*, que se baseia em uma comparação entre Homero e a Bíblia Hebraica e foi composto em 1941, como ele ressalta no original alemão, publicado em 1946. O capítulo tem como objetivo explícito o fascismo na Alemanha. De fato, o próprio foco na Bíblia Hebraica e em uma de suas cenas mais perturbadoras no contexto contemporâneo, o sacrifício de Isaac (tipologicamente identificado como uma figura da paixão de Cristo), fez com que sua inclusão fosse um ato de desobediência civil. Em um nível sutil, mas não totalmente inaudível, Auerbach estava confrontando a história enquanto a vivia e desafiando os poderes que controlavam seu destino.<sup>27</sup>

Auerbach é apenas um dos inúmeros exemplos de um tipo de filologia que está a quilômetros de distância da variedade que define a disciplina como ela é normalmente entendida e como Turner e Ahmed também a definem. É um exemplo de uma filologia que é conduzida fora do local e fora do rótulo por escritores que foram marcados por motivos raciais, étnicos e disciplinares como inelegíveis para conduzir a filologia em suas formas acadêmicas convencionais ou que optaram por não participar dessas formas por motivos semelhantes. Aqui tenho em mente escritores e pensadores tão diversos quanto Benedict Spinoza no século XVII, Jacob Bernays e Nietzsche no século XIX e Sigmund Freud, Erich Auerbach, Simone Weil, Rachel Bessaloff, Horkheimer e Adorno, Victor

---

<sup>27</sup> Auerbach, 1938; Auerbach, 1946, cap. 1. Para discussão, consulte Porter, 2008; Porter, 2017.

Klemperer e Hannah Arendt no século XX, embora essa seja apenas uma lista parcial. Em resposta à sua época, esses escritores, muitos dos quais, não por coincidência, eram judeus, desviaram o foco do passado para a vida no presente e no cotidiano. Eles produziram filologias que funcionavam de outra forma ou, como diz Emily Greenwood, "otherhow".

Com essa "outra" filologia, não me refiro à filologia que se concentra no estudo de culturas remotas por meio de seus produtos linguísticos, mas a outra coisa: um estudo realizado por escritores e acadêmicos que são obrigados a confrontar realidades duras e muitas vezes impensáveis no presente que distorcem as realidades do passado e do presente. Seja por inclinação ou por circunstância, a tendência de escritores como esses era produzir percepções inoportunas sobre materiais convencionais, por exemplo, aqueles valorizados pela teologia ou pelo classicismo aceitos (como na ousada revisão de Bernays da catarse trágica),<sup>28</sup> ou então sobre materiais totalmente não convencionais, como a linguagem do Terceiro Reich, de uma forma que a filologia acadêmica convencional não estava preparada para fazer. Nesses casos, a própria filologia foi forçada ao exílio. Nesse processo, os próprios objetos de estudo filológico foram transformados. Fatos evidentes de repente se tornaram locais de leitura potencialmente traiçoeira. O significado não era mais um luxo teórico. Vidas e não apenas carreiras estavam em jogo. A filologia, tendo se deparado com os limites rígidos da realidade, adquiriu o que poderia ser chamado de "quarta dimensão". Aqui estou complementando uma categoria que está faltando no ensaio seminal de Sheldon Pollock, "Philology in Three Dimensions".<sup>29</sup> Algumas breves indicações ajudarão a ilustrar o ponto.

Spinoza foi tachado de herege pela maneira como reinterpretou a Bíblia Hebraica de uma forma radicalmente não ortodoxa, privando assim a Sagrada Escritura de seu status de verdade revelada e sagrada e demonstrando como ela era um produto totalmente humano e deficiente. Ele voltou a filologia contra si própria com a mesma segurança que F. A. Wolf demonstraria mais tarde ao privar os poemas homéricos de sua autenticidade prístina e santificada, empregando da mesma forma o mais recente arsenal da filologia bíblica. Spinoza estava usando a filologia para intervir na República Holandesa, na qual vivia, a fim de garantir liberdades intelectuais para seus súditos.

Jacob Bernays era um judeu que não tinha permissão para lecionar em uma universidade alemã. Seu próprio trabalho abrangeu desde a antiguidade clássica

---

<sup>28</sup> Consulte Porter, 2015.

<sup>29</sup> Pollock, 2014.

até a judaica, passando pela gramática da língua hebraica de Spinoza e reflexões sobre religião e modernidade. Seus cadernos de anotações particulares, ou o que sobreviveu deles, são um tesouro de reflexões que fornecem um roteiro para suas próprias posições contra-filológicas.<sup>30</sup> Suas próprias intervenções filológicas funcionam em linhas semelhantes, embora de forma mais discreta.<sup>31</sup>

Nietzsche praticou uma contrafilologia durante toda a sua carreira acadêmica, parte dela em sua filologia de *aparência* mais convencional (que era tudo menos convencional), por exemplo, em seus estudos sobre Demócrito, Diógenes Laércio e o ritmo grego. Ele atacou as inadequações da profissão dos classicistas pela estreiteza de seu foco e por não reconhecerem sua própria historicidade como criaturas do presente ou seu papel como instrumentos em vez de agentes de sua própria cultura. Sua crítica ao orientalismo na filologia moderna é facilmente ignorada, assim como o fato de ele ter designado Bernays como "o mais brilhante representante de uma filologia do futuro", antes de adotar esse apelido para si mesmo.<sup>32</sup> Quando deixou a universidade, ele levou consigo os mesmos métodos da filologia crítica. Seus textos de prova não eram mais edições gregas e latinas ou estudos acadêmicos, eram os fenômenos da cultura europeia moderna, da qual ele se tornou o principal e mais provocativo diagnosticador.

Sigmund Freud produziu uma leitura do Êxodo que rivaliza com a de Spinoza em seu ataque à Escritura revelada em *Moisés e o Monoteísmo* (*Der Mann Moses*), que ele publicou em 1939. Para apresentar seu argumento, Freud teve que se intrometer na reserva dos estudiosos bíblicos, e o fez com o zelo de um desordeiro indisciplinado. Freud notoriamente produziu uma leitura herética de Moisés ao transformá-lo em um egípcio, não em um judeu, e ao fazer do judaísmo uma formação de reação ao trauma de seu deslocamento original e originário. E, no entanto, longe de vilipendiar a religião judaica, Freud de fato preservou sua integridade ao trazer à luz suas poderosas fantasias internas e ao privar o antissemitismo contemporâneo de seu objeto putativo e de suas próprias reivindicações fantasmáticas de ser *judenrein*, livre do judaísmo que ele injuriava. Esse é o ímpeto original do estudo de Freud, que representa tanto uma filologia da estranheza judaica, ancorada na pura persistência dos judeus e do judaísmo, quanto uma contrafilologia do presente, em vez de uma arqueologia do passado. O fato de ele ter escrito a obra durante a nazificação da Áustria e de tê-la concluído

---

<sup>30</sup> Gründer, 1988. Sobre Bernays, consulte Glucker, Laks e Barre, eds. 1996, uma importante coletânea.

<sup>31</sup> Consulte Porter, 2015. Ainda há muito trabalho a ser feito sobre Bernays nesse sentido.

<sup>32</sup> Carta de 2 de junho de 1868. Consulte Porter, 2000: 15 e 273-286 para ver a discussão.

no exílio na Inglaterra, às vésperas da Segunda Guerra Mundial, diz muito sobre a situação histórica de seu ensaio.

Um ano mais tarde, Victor Klemperer, filólogo românico e colega de Auerbach, foi obrigado a ficar de fora da guerra em Leipzig, a usar uma estrela amarela, a viver em um *Judenhaus* com sua esposa ariana e foi proibido de ler livros de qualquer tipo, pois eram considerados contrabando. Apesar disso, desejoso de fazer algo a partir de suas habilidades filológicas e de responder à sua situação, ele trocou de objeto e voltou sua atenção para a linguagem do Terceiro Reich, conforme a ouvia nos alto-falantes, nas ruas, nos desfiles, na fábrica onde trabalhava, nos símbolos e na linguagem dos pôsteres cheios de propaganda e objetos visuais onde quer que os encontrasse (*LTI: Linguae Tertii Imperii. Notizbuch eines Philologen*, 1947). Seu ponto de partida foi a crença, da qual ele compartilhava, de que o espírito de uma época é expresso em sua linguagem:

Pois, assim como é comum falar da face de uma época ou de um país, também é comum caracterizar o espírito de uma determinada época como sua linguagem. O Terceiro Reich fala com uma terrível uniformidade tanto no que disse na época quanto em seu legado: por meio do exibicionismo ilimitado de sua arquitetura grandiosa e de suas ruínas, por meio de seu tipo único de soldado, os homens da SA e da SS, que foram elevados ao status de figuras ideais em uma miríade de pôsteres diferentes e, ainda assim, indistinguíveis, e por meio de suas autoestradas e valas comuns. Tudo isso é a linguagem do Terceiro Reich e, é claro, haverá menção a todas essas coisas nas páginas seguintes. Mas se você exerceu sua profissão por décadas, e a exerceu com grande prazer, então é provável que tenha sido moldado mais por ela do que por qualquer outra coisa, e foi assim que o idioma do Terceiro Reich, tanto literalmente quanto em um sentido filológico não figurativo, ao qual me agarrei com absoluta determinação e que se tornou meu ponto de equilíbrio entre a monotonia de cada turno de dez horas na fábrica, o horror das buscas domiciliares, das prisões, dos abusos físicos e assim por diante.<sup>33</sup>

Auerbach, Weil, Bessaloff, Horkheimer e Adorno se voltaram para Homero como uma forma de lidar com os horrores da guerra que os cercava. Nenhum deles tinha formação especializada em filologia clássica. Todos os cinco foram forçados ao exílio. E todos os cinco se envolveram em uma filologia que, *por sua vez*, foi exilada de seus lugares habituais. Eles produziram um tipo de texto que não é nem acadêmico nem verdadeiramente legível como "recepção" literária, como é reconhecido na academia atualmente. Em vez disso, suas obras são exemplos de

---

<sup>33</sup> Klemperer, 2013: 10.

escrita engajada que vem de autores cujas vidas estavam totalmente emaranhadas em suas circunstâncias pessoais e históricas. Eles estavam praticando uma filologia do presente em prol do presente e do futuro.<sup>34</sup>

Hannah Arendt é provavelmente o exemplo menos óbvio de filologia do presente, do cotidiano e do exílio. Mas sua leitura das transcrições do julgamento de Eichmann, realizado em Jerusalém de abril a dezembro de 1961, cuja abertura ela testemunhou pessoalmente enquanto trabalhava para a revista *The New Yorker*, é mais uma extensão da filologia praticada duas décadas antes por Auerbach e seus colegas. Todos estavam intervindo no momento presente, todos estavam fazendo julgamentos sobre ele, examinando seus idiomas e registrando relatórios de campo. Mais importante ainda, todos estavam respondendo a realidades históricas marcadas por atos de violência. Todos aprenderam a confrontar o potencial de violência que a história inevitavelmente revela, e nunca de forma mais pungente e dolorosa do que no presente histórico em que ela é sentida. O livro de Arendt tem como subtítulo "Um relatório sobre a banalidade do mal". Seu objeto, no entanto, não é o mal *em si*, mas as falhas da justiça quando ela tenta medir um crime indescritível que assume a aparência de uma realidade cotidiana para seus perpetradores. Assim como a filologia de Auerbach, inspirada em Vico, seu trabalho se preocupa tanto com a comunicação humana quanto com os limites da compreensão humana.

Tomando como exemplo os esforços de cada uma das figuras citadas acima, podemos aprender como as contrafilologias têm o potencial de desafiar as noções existentes sobre o que constitui um texto, sua interpretação e seu valor ideológico e cultural, mas também, mais radicalmente, o que constitui o objeto adequado de estudo filológico. Aproveitar essas alternativas é a maneira pela qual qualquer prática de filologia pode garantir que ela tenha um futuro além do amanhã. Os clássicos podem ser uma parte desse futuro, mas não precisam ser a totalidade dele.<sup>35</sup> No entanto, dada sua longa história, a filologia clássica tem muito a nos ensinar hoje.<sup>36</sup> A esperança aqui é que, ao examinarmos essa história conturbada

---

<sup>34</sup> Bessaloff, 1943; Novis, 1940; Novis, 1941 (o pseudônimo anagramático de Weil era Émile Novis); Horkheimer e Adorno, 1944 (primeira edição publicada em 1944).

<sup>35</sup> Cf. Altschul, 2010: esp. 163, uma passagem que ressoa com o apelo de Auerbach por uma filologia mundana: "Uma filologia para o presente requer uma aceitação de sua mundanidade, de suas funções e efeitos no mundo de hoje, e isso significa aceitar que as questões que herdamos do século XIX não precisam ter o mesmo valor que tinham em seu início".

<sup>36</sup> Greenwood, 2022: 192, é perspicaz: "O argumento de que nós [classicistas] *apenas* ensinamos as línguas, as literaturas, a história e os vestígios materiais da Grécia e da Roma antigas ... é o historicismo como um gesto retórico preventivo que é anti-historicista ao se livrar de qualquer

da filologia, possamos chegar a um modelo mais robusto para as filologias do futuro, práticas que os alunos e acadêmicos possam realizar em suas próprias vidas, tornando-se filólogos de suas próprias experiências no presente, dadas suas próprias experiências de desigualdade étnica e racial, e então, possivelmente, também se tornando melhores filólogos do passado.

## Referências bibliográficas

AHMED, Siraj. *Archaeology of Babel: The Colonial Foundation of the Humanities*. Stanford, California: Stanford University Press, 2018.

ALTSCHUL, Nadia. What Is Philology? Cultural Studies and Ecdotics. In: GURD, Sean (ed.). *Philology and its Histories*. Columbus: The Ohio State University Press, 2010, p. 148–63.

AUERBACH, Erich. *Zur Technik der Frührenaissancenovelle in Italien und Frankreich*. Heidelberg: C. Winter, 1921.

AUERBACH, Erich (ed). and trans. *Die neue Wissenschaft über die gemeinschaftliche Natur der Völker*. Berlin: De Gruyter, 1924.

AUERBACH, Erich. *Figura*. *Archivum Romanicum* vol. 22, no. 4, 1938, p. 436–89.

AUERBACH, Erich. *Mimesis: Dargestellte Wirklichkeit in der abendländischen Literatur*. Bern: A. Francke, 1946.

AUERBACH, Erich. *Literatursprache und Publikum in der lateinischen Spätantike und im Mittelalter*. Bern: Francke, 1958.

AUERBACH, Erich. *Literary Language and its Public in Late Latin Antiquity and in the Middle Ages*. Trans. Ralph Manheim. New York: Bollingen Foundation, Distributed by Pantheon Books, 1965.

BESPALOFF, Rachel. *De l'Iliade*. Preface by Jean Wahl. New York: Brentano's, 1943.

ECCLESTON, Sasha-Mae; PERALTA, Dan-El Padilla. *Racing The Classics: Ethos*

---

responsabilidade pela agência de alguém como acadêmico praticante no estado da disciplina e seu *modus operandi*". Isso não significa negar a relevância da historicidade, pois "a filologia é inquieta. Ela viaja no rastro das línguas que são seu sujeito, objeto e meio, viaja conforme a história se move e viaja com a teoria" (187).

and Praxis. *American Journal of Philology* vol. 143, no. 2, 2022, p. 199–218.

GLUCKER, John; LAKS, André; BARRE, Véronique (eds.). *Jacob Bernays: Un philologue juif*. Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion, 1996.

GRAFTON, Anthony. Prolegomenon to Friedrich August Wolf. *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes* vol. 44, 1981, p. 101–29.

GRAFTON, Anthony. Juden und Griechen bei Friedrich August Wolf. In: MARKNER, Reinhard; VELTRI, Giuseppe (eds.). *Friedrich August Wolf: Studien, Dokumente, Bibliographie*. Stuttgart: Franz Steiner, 1999, p. 9–31.

GREENWOOD, Emily. 2022. Introduction: Classical Philology, Otherhow. *American Journal of Philology* vol. 143, no. 2, 2022, p. 187–97.

GRÜNDER, Karlfried (ed.). Aphorismen von Jacob Bernays: Aus Abschriften seiner verlorenen Auszüge und Einfälle. In: PFLUG, Günther; ADAMS, Bernhard (eds.). *Aratro corona messoria Beiträge zur europäischen Wissensüberlieferung; Festgabe für Günther Pflug zum 20. April 1988*. Bonn: Bouvier, 1988, p. 131–52.

HARDWICK, Lorna. 2021. Tracking Classical Scholarship: Myth, Evidence and Epistemology. In: HARRISON, Stephen; PELLING, Christopher (eds.). *From the Renaissance to the Present Essays in Honour of Christopher Stray*. Berlin: De Gruyter, 2021, p. 9–32.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. *Philosophische Fragmente*. New York: The Institute of Social Research, 1944.

KLEMPERER, Victor. *The Language of the Third Reich. LTI, Lingua Tertii Imperii: A Philologist's Notebook*. Trans. Martin Brady. London: Bloomsbury Academic: 2013. (original German edition: Berlin, 1947.)

KURTZ, Paul Michael. How Nineteenth-Century German Classicists Wrote the Jews out of Ancient History. *History and Theory* vol. 58, no. 2, 2019, p. 210–32.

MAIER, Hendrik M. J. *In the Center of Authority: The Malay Hikayat Merong Mahawangsa*. Ithaca: Southeast Asia Program, Cornell University, 1988.

MARCHAND, Suzanne L. *Down from Olympus: Archaeology and Philhellenism in Germany, 1750–1970*. Princeton: Princeton University Press, 1996.

MARRIOTT, David. *Of Effacement: Blackness and Non-Being*. Stanford: Stanford University Press, 2024.

MIGNOLO, Walter; WALSH, Catherine E. *On Decoloniality: Concepts, Analytics, Praxis*. Durham: Duke University Press, 2018.

NOVIS, Émile [Simone Weil]. L'Iliade où le poème de la force (I). *Cahiers du Sud* vol. 27 (December), 1940, p. 561–74.

NOVIS, Émile [Simone Weil]. L'Iliade où le poème de la force (II). *Cahiers du Sud* vol. 28 (January), 1941, p. 21–34.

OLENDER, Maurice. *Les langues du paradis: Aryens et sémites, un couple providentiel*. Paris: Gallimard: Le Seuil, 1989.

PFEIFFER, Rudolf. *Philologia Perennis*. Munich: Verlag der Bayerischen Akademie der Wissenschaften, 1961.

PFEIFFER, Rudolf. *History of Classical Scholarship from the Beginnings to the End of the Hellenistic Age*. Oxford: Clarendon Press, 1968.

PFEIFFER, Rudolf. *History of Classical Scholarship from 1300 to 1850*. Oxford: Clarendon Press, 1976.

POLLOCK, Sheldon. Philology in Three Dimensions. *Postmedieval: A Journal of Medieval Cultural Studies* vol. 5, no. 4, 2014, p. 398–413.

POLLOCK, Sheldon. Introduction. In: POLLOCK, Sheldon; ELMAN, Benjamin A.; CHANG, Ku-ming Kevin (eds.). *World Philology*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2015.

PORTER, James I. *Nietzsche and the Philology of the Future*. Stanford: Stanford University Press, 2000.

PORTER, James I. Erich Auerbach and the Judaizing of Philology. *Critical Inquiry* vol. 35, no. 1, 2008, p. 115–47.

PORTER, James I. Against λεπτότης: Rethinking Hellenistic Aesthetics. In: ERSKINE, Andrew; LLWELLYN-JONES, Lloyd (eds.). *Creating a Hellenistic World*. Swansea: Classical Press of Wales, 2011, p. 271–312.

PORTER, James I. Jacob Bernays and the Catharsis of Modernity. In: BILLINGS, Joshua; LEONARD, Miriam (eds.). *Tragedy and the Idea of Modernity*. Oxford: Oxford University Press, 2015, p. 15–41.

PORTER, James I. Disfigurations: Erich Auerbach's Theory of *Figura*. *Critical*



*Inquiry* vol. 44, 2017, p. 80–113.

PORTER, James I. (ed.). *Time, History, and Literature: Selected Essays of Erich Auerbach*. Trans. Jane O. Newman. Princeton: Princeton University Press, 2016.

PROUDFOOT, Ian. An Expedition into the Politics of Malay Philology. *Journal of the Malaysian Branch of the Royal Asiatic Society* vol. 76, no. 1 (284), 2003, p. 1–53.

RANKINE, Patrice D. The Classics, Race, and Community-Engaged or Public Scholarship. *American Journal of Philology* vol. 140, no. 2, 2019, p. 345–59.

TURNER, James. *Philology: The Forgotten Origins of the Modern Humanities*. Princeton: Princeton University Press, 2014.

UMACHANDRAN, Mathura. Disciplinecraft: Towards an Anti-Racist Classics. *Transactions of the American Philological Association* vol. 152, no. 1, 2022, p. 25–31.